

## **Iagor Peres**

Rio de Janeiro, Brasil [1995]

\_\_\_\_\_ I, 2021

\_\_\_\_\_ I nos leva para um espaço criado pelo artista Iagor Peres, um ambiente quase impossível de ser habitável para corpos humanos, onde observamos uma redoma plástica articulada para envolver uma atmosfera preenchida por gesso. Cada miligrama de pó é acionado por exaustores que regulam o ritmo de cada queda e cada voo desta matéria, uma dança improvisada frente à gravidade.

Em meio a este ambiente tão ríspido, o artista elabora uma linha d'água que cai do teto e atravessa o gesso ainda em estado pulverizado, possibilitando que esse gotejar da água toque no pó. Tanto o corpo líquido quanto o corpo micro e sólido são transmutados através da implicação entre suas agências. Em uma das extremidades há um zíper que nos convida a adentrar na forma irregular criada pelo artista que, neste singelo ato de abrir uma porta, nos expõe a olho nu um ar irrespirável. Esse efeito não nos permite ignorar as partículas condensadas que vivem no ar, que modificam e são incorporadas às formas de vida, ainda que não sejam comumente visíveis.

Iagor discute a operação da racialidade em suas densidades através de camadas que perpassam a espacialidade, aprofundando-se nas relações entre a negritude e o ambiente urbano. Na sua pesquisa, o artista, que tem uma trajetória na dança e em performance, busca retirar seu corpo para elucidar tudo aquilo que se implica a ele, ou seja, todas as camadas que o atravessam. Reagindo entre movimentos, Peres discute as feridas coloniais, suas evocações sobre raça e criação da categoria coisificante.

Nesta obra, impulsionado pela pesquisa iniciada para a série Rejunte (2017), Peres dialoga com distintas materialidades, orgânicas e sintéticas, não se preocupando apenas em esculpi-las no espaço, mas propondo tensionar as assimetrias formuladas estrategicamente pela modernidade e até hoje sustentadas pela negação de saberes que se encontram fora das categorias de conhecimento ditos “universais”. | **Ariana Nuala**